



GEOGRAFIA ESCOLAR E QUESTÕES SOCIALMENTE VIVAS: UMA AGENDA DE FORMAÇÃO

Eixo: Prática Pedagógica e Currículo Escolar
Subprojeto: Geografia

Filiação institucional: Universidade Estadual de Feira de Santana

Marcelo Oliveira de Faria (marcelofaria@uefs.br)¹ e
Clea Cardoso da Rocha (ccrocha@uefs.br)²

Palavras-chave: GEOGRAFIA ESCOLAR; FORMAÇÃO; QUESTÕES SOCIALMENTE VIVAS.

1 INTRODUÇÃO

O Subprojeto de Geografia do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência da Universidade Estadual de Feira de Santana (PIBID-UEFS) tem como um de seus objetivos discutir questões epistemológicas vinculadas à educação geográfica, tendo como referência os debates contemporâneos que envolvem a Geografia Escolar.

Assumimos como ponto de partida de nosso trabalho as reflexões de Doreen Massey (2017) que postula a construção de uma “mente geográfica” como objetivo da geografia nos currículos escolares; os argumentos de Rafael Straforini (2018) em favor do ensino de Geografia como uma “prática espacial de significação” e as discussões em torno das questões socialmente vivas, muito presentes na discussão em torno do ensino de história.

A combinação desses três termos – ou princípios – foi referência de nosso trabalho de formação dos bolsistas Ids na UEFS, com a finalidade de estabelecer parâmetros de referência para o desenvolvimento dos projetos de trabalhos junto com os supervisores nas escolas parceiras.

¹ Professor Adjunto B do Departamento de Educação da UEFS, coordenador de área de Geografia do PIBID-UEFS.

² Professora Assistente do Departamento de Educação da UEFS, coordenadora de área de Geografia do PIBID-UEFS.

2 METODOLOGIA

O processo formativo no âmbito do PIBID de Geografia UEFS estruturou-se a partir de reuniões semanais coletivas, cujo objetivo central foi a construção de bases teórico-epistemológicas para o desenvolvimento dos projetos de intervenção nas escolas parceiras. Essa construção dialética articulou estudo teórico, observação em sala de aula, análise de planejamentos, elaboração, execução e reflexão coletiva sobre as intervenções.

Inicialmente, fizemos a leitura coletiva do texto “A Mente Geográfica”, (MASSEY, 2017) que propõe que a geografia escolar não deve renunciar à busca por interpretar os processos sociais que dão forma à complexidade do mundo. Isso implica estabelecermos diferenciações entre o que podemos chamar de raciocínio espacial e raciocínio geográfico, muitas vezes tratados como sinônimos, inclusive na bibliografia especializada. Consideramos, com Vesentini, que o raciocínio espacial que se refere ao reconhecimento de situar uma posição específica e explorar a extensão física de um componente ou fenômeno, enquanto o raciocínio geográfico,

relaciona os elementos, esmiúça as interdependências, as influências recíprocas entre os fenômenos de diversas origens, físicos, biológicos ou sociais: relevo e solos, climas, fauna e flora, águas, população em seus diversos aspectos, produção econômica, comércio e transportes, as lutas sociais no e com o espaço etc. (Vesentini. 2009, p.101-102)

Sendo assim, discutimos entre os bolsistas que a opção pelo raciocínio geográfico implica um investimento intelectual na compreensão de aspectos teórico-epistemológicos da disciplina que permitam a articulação de processos e sua interpretação para além das formas que se apresentam no espaço. É esse investimento que permite recusar alternativas simples de interpretação dos fenômenos e tomar o mundo em sua complexidade, como sugere Massey.

A geografia escolar é compreendida, nessa perspectiva como um campo discursivo e, dessa forma, explorar as práticas discursivas é um exercício fundamental na construção das mentes geográficas, por isso, propusemos a discussão da compreensão do ensino de geografia como “prática espacial de significação” (STRAFORINI, 2018) que reconhece os discursos como meios de produção dos sentidos do mundo e, portanto, um campo de disputa teórica e política.

Postulamos a escola como um “lugar” privilegiado para a construção de “mentes geográficas”. É nelas que se colocam em contato as práticas discursivas. Para Laclau, o discurso “é uma categoria que une palavras e ações, que tem natureza material e não mental e/ou ideal, portanto, discurso é prática – daí a noção de prática discursiva” cujos termos devem ser, sempre, objeto de investigação e investimento por parte dos professores e

educadores, assim como nos temas apresentados aos estudantes, o que nos remete ao terceiro tópico, objeto de nossa formação.

Se desejamos produzir uma geografia significativa para os estudantes é necessário pensarmos os termos e critérios que nos levam a decidir acerca das temáticas que tomam parte na organização dos currículos. Esse movimento implica pensarmos as articulações entre a cultura e o currículo das quais devem emergir o que estamos chamando de Questões Socialmente Vivas (QSV).

Tomando esses três termos como referência de nosso trabalho de formação, partimos para a discussão em torno de procedimentos de ensino que permitam indagar e refletir o espaço em sua complexidade e, para tanto, propusemos como princípios de orientação da organização dos projetos de trabalho a combinação entre o fomento às virtudes intelectuais que permitam a formação ampliada dos sujeitos para conhecer e interpretar os diferentes contextos, e a adoção de procedimentos de produção de conhecimento (formulação de perguntas para investigação, definição de fontes rigorosas, busca e sistematização de informações etc.) como objetos de ensino.

Foram essas as nossas opções de formação inicial no PIBID de Geografia UEFS, a partir das quais os projetos têm se desenvolvido nas escolas parceiras.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados de um trabalho de formação nunca são imediatos, sobretudo quando compreendidos como um *continuum* que articula os conhecimentos científicos da geografia, conhecimentos pedagógicos e as experiências de sala de aula.

Consideramos haver certo grau de conflito entre as perspectivas propostas em nosso projeto e os documentos oficiais que, segundo os debates hodiernos, têm subvalorizado a importância das construções teóricas, sobretudo aquelas que valorizam as perspectivas críticas.

Até o presente momento, acreditamos que nossas discussões têm inspirado de forma satisfatória o desenvolvimento dos projetos junto às escolas parceiras, o que se reflete nas socializações coletivas nas reuniões de formação, ainda que tenhamos um longo percurso a percorrer no sentido de praticarmos uma geografia em movimento que, de fato contribua para a construção de mentes geográficas que possam vir a interpretar e interferir nos diversos contextos, na busca de um mundo socialmente menos desigual, mais justo e ambientalmente sustentável.

As reformas curriculares pelas quais passam as escolas básicas pouco contribuem para a construção de uma geografia em movimento, seja por definir conteúdos que consideramos –

muitas vezes – de pouca significação social, seja pela amplitude de assuntos dispersos que obrigam os professores a trabalhá-los de forma menos aprofundada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar dos obstáculos, consideramos nossos objetivos plausíveis e de grande relevância na formação inicial e continuada de todos os bolsistas envolvidos no subprojeto.

Acreditamos que a construção de salas de aulas em movimento depende da articulação entre os conteúdos nelas trabalhados e a experiência ampliada de mundo dos estudantes. Isso implica a construção de currículos contextualizados, que problematizem aspectos do real através da construção de problemas (QSV), que incentive os estudantes a estudar e produzir conhecimento significativo sobre o real.

Essa tem sido nossa busca no âmbito do subprojeto, seja nos encontros de formação da universidade, seja na construção de projetos e interações nas escolas parceiras.

REFERÊNCIAS

LACLAU, Ernesto. MOUFFE, Chantal. Hegemonia y estratégia socialista: hacia una radicalización de la democracia. Argentina: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MASSEY, Doreen – A Mente Geográfica. In Dossiê Revista GEOgraphia. Niterói, Universidade Federal Fluminense ISSN 15177793 (eletrônico) Vol.19, Nº40, 2017: mai/agos.

SOUZA, Marcelo Lopes de. – Práticas espaciais. In: _____. Os conceitos fundamentais da Pesquisa Socioespacial. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p.235-60.

STRAFORINI, Rafael. (2018). – O ensino de Geografia como prática espacial de significação. Estudos Avançados, 32(93), 175-195. <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180037>

VESENTINI, José William - Repensando a geografia escolar para o século XXI. São Paulo: Plêiade, 2009.

bi